

IMPrensa E VIDA URBANA

Déa Ribeiro Fenelon*

Cruz, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana. 1890-1915*. São Paulo, Educ/Fapesp/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial SP, 2000.

Depois da importante publicação *São Paulo em revista*, em 1997, organizada pela professora Heloísa de Faria Cruz, dentro da Coleção Memória, Documentação e Pesquisa, do Cedec/PUC-SP em parceria com o Arquivo do Estado, é com imensa satisfação que registramos o lançamento de *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana. 1890/1915*, da mesma autora, originalmente sua tese de Doutorado em História, defendida na USP, em 1994. O tempo decorrido para conseguir que esta edição se realizasse só revela as imensas dificuldades de publicação deste tipo de material em nosso meio editorial, e que acaba condenando inúmeros trabalhos acadêmicos, de inegável mérito, ao campo dos inéditos, ou quando muito aos inventários de produção dos Programas de Pós-Graduação, Relatórios de Avaliação da Capes ou linhas de currículo dos envolvidos, orientador, autor, membros da banca examinadora. Por isto e certamente pela importância do estudo e do tema o surgimento em livro desta tese deve ser recebido com entusiasmo.

Testemunha que sou de como este estudo tem sido procurado e servido de base e orientação para quantos trabalham com história da imprensa paulistana e brasileira, sempre recorrendo às necessárias cópias xerocadas ou, às vezes, empréstimo e a perda do exemplar de banca. Sinto-me bem satisfeita em participar não apenas do lançamento, mas também de resenhar a obra, agora com bem maiores possibilidades de acesso por parte do público interessado.

* Professora do Departamento de História PUC-SP.

Associar estas duas publicações significa, sobretudo, perceber e assinalar uma trajetória de pesquisa seguida pela autora e que valoriza e busca sistematizar caminhos percorridos, ir além deles e deixar pistas criativas para o surgimento de novas problemáticas, fiel à concepção de que melhor trabalho é o que propicia condições para outros em continuidade, mostrando estas possibilidades como inferências do processo de investigação. Tenho a certeza de que muitos irão se inspirar nas sugestões deixadas por estes estudos e nas fontes tão cuidadosamente referenciadas por quantos se envolveram no Projeto *São Paulo em Revista*, coordenado por Heloísa. E que por meio de bolsas de Iniciação Científica também contribuiu para a formação de jovens pesquisadores em história.

Houve ainda um outro produto deste trabalho – uma sugestiva e caprichada Exposição de capas de alguns destes periódicos listados, apresentada no Hall de Exposições do Arquivo do Estado, em 1997, por ocasião do lançamento do que carinhosamente sempre chamamos de “Guia da Imprensa Paulistana” e que, certamente, é mais que isto pelo detalhamento, segurança e riqueza, valorizando outros tipos de folhas que participaram ativamente do enriquecimento das perspectivas da cultura letrada até mesmo como alternativas para a grande imprensa, pois as informações ali contidas, como resultado de cuidadoso trabalho de uma equipe dedicada e entusiasmada, conduzem a estas possibilidades. Parte destes cartazes e destas capas é apresentada no final do livro, na parte denominada *Imagem*.

Faltava a transformação da tese em livro e quando isto se concretiza, finalmente, pode e deve ser encarado como indicador de mais um momento de uma carreira de pesquisadora de Heloísa, que desde o seu Mestrado se interessava pelas questões fundamentais da formação do trabalhador assalariado urbano na cidade de São Paulo, na passagem do século XIX para o XX. Naquela ocasião investigou os *Trabalhadores do Setor de Serviços* na cidade, publicado pela Editora Marco Zero, em 1992, na coleção *Onde está a República*, que se juntou ao conjunto de obras que marcaram as comemorações sobre o Centenário da Proclamação da República, levantando outros temas que não os consagrados na historiografia republicana e da classe trabalhadora. Desde então vem ampliando suas concepções e acompanhando seu crescimento intelectual com outros estudos e outros temas.

Como bem assinalou o orientador, em seu prefácio, “a autora apresenta a imprensa paulistana, no período estudado, como experiência cultural que é, também, de classe, pensando em cultura letrada e sociabilidades urbanas se fazendo”, ou seja, pensando a imprensa como constitutiva dos espaços urbanos e encarando-a como participante ativa

de múltiplas disputas sociais. Isto para dizer dos referenciais com que Heloísa se propôs abordar seu objeto dentro do universo Cultura e Cidade e dos cuidados metodológicos de estar sempre atenta para buscar relacionar suas *Folhas da cidade* (parte II), por exemplo, às experiências e aos modos de vida urbanos, buscando tecer os fios que construíram as relações sociais entre cultura letrada, imprensa, cidade e povo (parte III).

Definindo seus objetivos a partir de notícias da atualidade, principalmente relativas aos movimentos sociais, reporta-se à “necessidade de refletir sobre o lugar da cultura letrada na instituição dos poderes na cidade” propondo-se investigar como isto aconteceu “no processo inicial de formação da metrópole urbana” e mais ainda, interessada em contribuir para a “reafirmação da importância das dimensões culturais dos processos de dominação e resistência na contemporaneidade”. A autora reconhece, pois, as questões do presente, inquieta-se com elas e busca revisitar o período, consciente da importância não somente de se preocupar com as origens deste processo, mas muito mais da de entender como, em outras situações históricas, em que o processo de “expansão e redefinições da cultura impressa, concretizada principalmente pela difusão da imprensa periódica constituía-se como dimensão importante daquela experiência social”. Com isto quero chamar a atenção dos leitores para a adesão da autora a uma concepção de história que estará sempre imbuída da necessidade de redimensionar a relação passado/presente reconhecendo a importância de se posicionar no presente, de onde, afinal, surgem as questões que orientam o trabalho do historiador em sua busca de conhecimento do passado, deixando claro o seu olhar político no explicitar suas problemáticas. Valoriza-se a pesquisa empírica sem prescindir dos referenciais teórico-metodológicos, compreendendo-se a teoria como resultado da capacidade de, ao investigar, na constante relação com os dados, reformular-se e fazer crescer as categorias de análise, problematizando a realidade e permitindo a superação da idéia de culto ao passado em si mesmo, mas apontando para as transformações que queremos construir no futuro.

Louváveis a preocupação e o esforço bem-sucedido de enfrentar as questões suscitadas pela investigação, ante a historiografia brasileira e internacional. Trazendo à tona o debate sobre cultura letrada e erudita, cultura popular, linguagens, literatura e técnicas de comunicação, bem como as dimensões sobre a utilização do humor visual, a autora consegue explicitar suas orientações, escapando dos simples rótulos de história da cultura ou nova história cultural. Trata-se de aprofundar os significados de conceber as complexas relações sociais, quando se tenta trabalhar com os processos constitutivos

nas dimensões da cultura e dos viveres urbanos, como reconhecimento das possibilidades de trabalhar com estas dimensões e pensando a cultura como expressão contraditória destas relações e que, por seu dinamismo, estarão sempre em constante movimento.

Trabalhando com estes supostos, a investigação ganha força e a imprensa cresce em conteúdo social para colocá-la na exata dimensão de uma produção social e letrada que tem a ver com os sujeitos que a produzem, aqueles a quem se dirige e para quem é produzida, sem reduzir tais dimensões às simplificações de investigar apenas os diferentes aspectos da chamada manipulação, e sem esquecer, no entanto, as concepções de que também na cultura é possível identificar os elementos em oposição, reconhecendo-a como campo minado que é das forças sociais em luta. Sendo assim, cultura e hegemonia tornam-se preocupações constantes, ainda que não seja este o objetivo do estudo.

Com todas estas ressalvas e cuidados metodológicos ao ocupar-se de questões complexas da análise social, a autora reconhece as dificuldades a serem enfrentadas e não apresenta roteiros determinados para o encaminhamento de sua investigação, traduzindo tudo isto como horizonte de perspectivas e sem se render às promessas fáceis de modelos definidos e nem sempre condizentes com as expressões históricas de seu período, principalmente quando se propõe encarar a cultura nas dimensões já ressaltadas anteriormente. Mais importante é salientar a tentativa reafirmada de pensar a imprensa associada às transformações por que passa a cidade e, por isto, ampliar as perspectivas de compreensão dos modos de viver urbano e da expansão e crescimento do periodismo em todas as suas categorias. Foi assim que a pequena imprensa cultural e de variedades do período se constituiu na principal fonte deste trabalho, procurando salientar acima de tudo os processos de constituição destes periódicos, entendendo a imprensa, no contexto da história social, como uma prática que constitui e institui num mesmo movimento histórico, datado e sempre imbricado, seja ao “burgo dos estudantes”, seja a São Paulo do início do surgimento da metrópole e da Paulicéia.

Sem trabalhar com uma idéia estática de contexto, que se delineia ao longo dos anos em uma perspectiva linear e cronológica e que sempre deve anteceder a colocação das problemáticas a serem investigadas como se fora um cenário ou um quadro para montar o texto, percebe-se que, ao longo da primeira parte do livro, que trabalha as questões referidas anteriormente, a autora foi capaz de fazer surgir daí as dificuldades e tropeços para a expansão deste tipo de periodismo, caminhando pelo esforço, dedi-

cação e às vezes insucessos intelectuais e financeiros, mas também de muita riqueza para o avanço da cultura letrada. Na cidade de São Paulo, na passagem do século XIX para o XX.

A segunda parte do livro, que aprofunda a discussão sobre o surgimento das inúmeras modalidades de periódicos, serve para dialogar com a intensa vida cultural urbana, as ampliações dos investimentos tanto da imprensa diária como das folhas domingueiras e de revistas de diversão características do período, quando a ilustração, a charge e o desenho começam a desempenhar papel relevante nas opções dos jornalistas. Aí se aproveita a oportunidade para trabalhar a idéia de como estes folhetos se tornam espaços livres para manifestações de vários intelectuais, sejam estudantes acadêmicos, advogados já nas lides forenses, médicos ou mesmo alguns jornalistas semiprofissionais, livres que estavam do controle e dos compromissos assumidos pela imprensa diária. Nestes folhetos se formaram gerações de futuros grandes jornalistas e vozes que não obtinham espaço nos grandes jornais puderam exprimir seus pontos de vista, expandindo não apenas a imprensa mas a cultura letrada da cidade.

Como não podia deixar de ser, a terceira parte procura examinar a disseminação das práticas da escrita e da leitura na cidade no período delimitado. Não se restringe à expansão e à diversificação dos veículos impressos e dos grupos produtores ou à renovação das linguagens e conteúdos, mas busca compreender o movimento mais amplo de rearticulação das relações sociais. Recorrendo ao diálogo que estas folhas estabelecem entre si, relatos e memórias de época, foi possível explorar pressões, tensões e conflitos no que a autora chamou de processo de popularização da cultura letrada, avançando a investigação para os circuitos de difusão da leitura.

Para acompanhar as relações entre imprensa e mercado, a autora nos mostra a importância das revistas e folhas ilustradas nesta evolução da propaganda e o surgimento do reclame no Brasil como espaço de experimentação para a propaganda regular, assinalando também as implicações dos interesses de comerciantes e o comércio. As relações da imprensa apresentada no trabalho com a chamada formação da “mentalidade do povo” são examinadas por meio do diálogo estabelecido pelas folhas diárias e as crônicas de grandes intelectuais do período, mostrando tensões, preconceitos explícitos e visões elitistas quanto às formas de linguagem ou à correção das expressões, mostrando a força da tentativa de impor à sociedade a norma culta, a maneira “certa” de fazer avançar a cultura letrada, proporcionando reflexões sobre como a imprensa também contribui no processo de dominação social e oferece novas formas de controle da cultura popular. São várias as razões apontadas para perceber que esta fase de grande

produção desta modalidade de folhas e de imprensa de diversões durou pouco e que, a partir das décadas seguintes, a presença e a persistência da rica e importante imprensa operária seriam um dos únicos vestígios da popularização letrada na cidade de São Paulo.

Por todos estes aspectos analisados nesta resenha, espero ter aguçado a curiosidade de quantos a lerem, para examinar de perto a importância desta obra que agora vem a público.